

Com graça

Não falta material para parodiar em torno do racismo à portuguesa e, acima de tudo, da sua negação, mas em Portugal, se calhar, não se sabe fazê-lo “com graça”.

Cristina Roldão

9 de Junho de 2022, 0:05

Na semana passada, Ricardo Araújo Pereira publicou, no jornal *Expresso*, o artigo “**O que é claro em denegrir**”, onde, no seu conhecido tom jocoso, desmerece a crítica que os movimentos antirracistas têm realizado à linguagem enquanto uma das vias pelas quais se reproduzem, tantas vezes indiretamente, relações de poder. Preocupa-o o dito “cancelamento” de quem sempre teve o privilégio de ser ouvido, ao ponto de ir escavar um caso que aconteceu no Brasil, num programa da Globo, colando-o a custo com um trocadilho do ano passado (até engraçado, por sinal) que **Joacine Katar Moreira** fez sobre um cartaz do Bloco de Esquerda.

Não tenho interesse em caricaturar a sua relação com o antirracismo em Portugal. Em várias coisas tem tido posições importantes e proactivas tendo em conta o cenário português: a sátira e recusa de/em dar palco ao partido Chega e seu líder, os inúmeros posicionamentos públicos contra intimidações da extrema-direita a ativistas e organizações antirracistas ou o *outdoor* dos Gato Fedorento que ridicularizava um cartaz racista do PNR na rotunda do Marquês de Pombal. Outras vezes tem sido infeliz. Não me refiro apenas aos casos de “*black face*” e veiculação de imagens estereotipadas sobre os negros, mas também à sistemática eleição do antirracismo para “bombo da festa”, não se coibindo de participar na horda mediática que atacou uma das primeiras mulheres negras na Assembleia da República em democracia, e à sua falta de vontade de usar o humor como espaço de discussão e desconstrução do racismo.

A linguagem inclusiva é importante, mas apresentá-la como frente prioritária ou única do movimento antirracista é uma caricatura completa. RAP deverá saber que é em torno de questões como **a violência policial**, a impunidade **do racismo nos tribunais**, o avanço **da extrema-direita**, o direito à nacionalidade e à habitação ou **a segregação escolar** que o movimento antirracista se tem mobilizado prioritariamente. Também é preciso ir para lá do “antirracismo dos anos 80”: não basta combater os racistas “energúmenos” (e os mais polidos, já agora!), o racismo tem dimensões estruturais e institucionais. Aliás, custa compreender como é que alguém que já se definiu como marxista não reconhece a realidade das “estruturas”. Ou será que o conflito capital-trabalho é fruto de gente burguesa mazinha?

O artigo de RAP sai na semana em que a ECRI afirma - como já outros tinham feito - que o contexto da pandemia **reforçou o racismo e a discriminação**; que é preciso combater o racismo nas forças policiais e ensinar nas escolas aquilo que foi a violência colonial. Esta é também a semana em que o Ministério Público pede a absolvição de seis dos sete arguidos **no caso da morte de Luís Giovani**, brutalmente assassinado à pancada, e em que nos aproximamos dos 27 anos do hediondo assassinato de Alcindo Monteiro. Tudo isto acontece num tempo em que avançam os despejos sem alternativa de famílias, muitas delas racializadas, **no Bairro Padre Cruz** e no Bairro do Griné, em que, precisamente no Brasil, a palavra “macaco”, dirigida **por Rafael Ramos** a um jogador negro, leva o primeiro à barra dos tribunais. Não será bom material humorístico o facto de o jogador português alegar sonsamente que em Portugal a palavra “macaco” não tem um teor preconceituoso? Não é digno de sátira que, depois de anos de negação (ao ponto **de Manuel Moraes ser expulso** da estrutura sindical que dirigia), a PSP, GNR e SEF entrem numa disputa pública sobre quem (afinal) é mais racista? Como não transformar em risota as tiradas luso-tropicalistas inesgotáveis de figuras públicas da nossa praça?

Recorro ao exemplo do programa “Porta dos Fundos” - apresentado, muitas vezes, como uma espécie de equivalente brasileiro aos “Gato Fedorento” -, que tem conseguido dar um salto neste domínio. Sim, é possível fazer humor antirracista e com muita graça!

Não falta material para parodiar em torno do racismo à portuguesa e, acima de tudo, da sua negação, mas se calhar não se sabe fazê-lo “com graça”. Recorro ao exemplo do programa “Porta dos Fundos” - apresentado, muitas vezes, como uma espécie de equivalente brasileiro aos “Gato Fedorento” -, que tem conseguido dar um salto neste domínio. Não quero com isto dizer que tenham o problema resolvido. Continua a ser uma equipa maioritariamente constituída por homens, brancos, heterossexuais e de classe média, em que as personagens negras tendem a ser “tokenizadas”. É dececionante também que **no encontro de Gregório Duvivier com RAP**, no espetáculo “Um Português e um Brasileiro Entram num Bar”, seja tão pouco problematizada a colonialidade na relação entre o português do Brasil e o de Portugal. Ao mobilizar o exemplo da “Porta do Fundos” não estou a equipará-la à desconstrução que humoristas negros têm feito do racismo, numa tradição humorística cuja influência é tão pouco reconhecida por humoristas portugueses; recorro ao “Porta dos Fundos” porque é um exemplo de como humoristas brancos podem contribuir para desconstruir o racismo.

Por exemplo, Fábio Porchat assume-se publicamente como **racista em desconstrução** (seguido por humoristas portugueses como Rui Unas, César Mourão, Fernando Rocha e Jorge Mourato). A equipa brasileira tem vindo a integrar no elenco pessoas negras, designadamente, Nathalia Cruz e Noemia Oliveira, coisa que para RAP seria, provavelmente, uma cedência aos desaires do movimento antirracista (ah e tal lugar de fala, privilégio branco, colonialidade). Mas, sobretudo, o “Porta dos Fundos” tem feito uma sátira sobre o racismo na sociedade brasileira, agarrando com graça e sentido crítico a criminalização do corpo negro (**Negro; Dominado**), bem como a sua exotização (**Escritor Branco**); a romantização da escravatura transatlântica (**Escravidão**); a falta de representatividade negra nos media (**Cota**); o “tokenismo” (**Amiguinho**); a forma como a branquitude se apropria da própria luta antirracista (**Fim do Racismo**) ou de como faz equivaler o movimento antirracista aos movimentos de extrema-direita (**Polémica da semana - racismo**); a negação e desconversa sobre o racismo (**Nota de Repúdio**); a forma como a discriminação opera nas “piadas” (**O Mundo está Chato**). Sim, é possível fazer humor antirracista e com muita graça!

A autora escreve segundo o novo acordo ortográfico